

Impacto “hereditário” das telas

» PALOMA OLIVETO

O uso excessivo de telas — pelos pais — pode comprometer o desenvolvimento da linguagem nas crianças. O alerta é de um estudo da Universidade de Oslo, na Noruega, publicado na revista *Jama Pediatrics*. Os pesquisadores acompanharam 747 meninas e meninos dos 5 aos 7 anos para verificar o impacto do tempo de uso dos smartphones pelos responsáveis no vocabulário dos filhos. Ter um dispositivo próprio nessa fase da vida também foi associado a um desempenho linguístico inferior, segundo os autores.

A pesquisa começou em 2023, quando os participantes tinham, em média, 5 anos. Eles foram avaliados a cada 12 meses ao longo de três anos. Os cientistas utilizaram modelos estatísticos de crescimento para separar uma característica importante, a diferença que a criança já exibia no início do estudo daquela relacionada à evolução de suas habilidades linguísticas ao longo do tempo.

A linguagem foi avaliada por meio de dois testes padronizados. Um deles mediu o chamado vocabulário receptivo — a capacidade de compreender palavras. O outro avaliou a linguagem receptiva, ou seja, a habilidade de entender a mensagem ouvida, lida ou representada por gestos. As análises foram realizadas na educação infantil.

Tempo

Os pesquisadores também coletaram informações sobre o tempo que as crianças passavam diante de telas durante a semana, incluindo sábado e domingo. Além disso, verificaram se elas tinham tablet, computador ou smartphone próprio. Em relação aos adultos, foram avaliados o uso de redes sociais pelas mães e pelos pais e, no caso do principal responsável, o período total registrado no celular.

A medida mais objetiva veio dos telefones dos adultos. Os pesquisadores pediram que o principal responsável extraísse o tempo de uso do próprio smartphone, considerando a média diária de uma semana. O resultado autorrelatado foi de 3,21 horas/dia. Cerca de 23,6% dos participantes ultrapassaram 240 minutos.

Entre as crianças, 26% dedicavam mais de uma hora por dia às telas na semana útil. Aos sábados e



PixaBay/Divulgação

Segundo o estudo norueguês, o uso do smartphone pelos pais explicou cerca de 4,5% da variação no desenvolvimento linguístico da criança

Arquivo pessoal



É importante oferecer outras formas de interação, fora das telas"

Anna Dominguez Bohn, presidente do Núcleo de Estudo da Criança com Deficiência da Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP)

domingos, 22% excediam esse tempo. Mais de quatro em cada 10 participantes — 45,5% — tinham pelo menos um dispositivo digital próprio. O tablet era o equipamento mais comum: 43,2% das crianças possuíam um.

Relação

Quando os pesquisadores analisaram o tempo de smartphone do principal responsável pela criança, cada hora adicional de uso diário esteve associada a uma redução de 0,42 ponto no crescimento anual do vocabulário receptivo. A relação permaneceu depois que os cientistas ajustaram os modelos levando em conta a escolaridade dos pais e a renda familiar. O uso do smartphone explicou cerca de 4,5% da variação na melhora ou piora no desenvolvimento linguístico.

Os pesquisadores da Universidade de Oslo explicam que o vocabulário continua se expandindo ao longo do desenvolvimento e

depende fortemente da quantidade e da qualidade dos estímulos linguísticos recebidos pela criança. Já a gramática tem características diferentes de aprendizagem e pode ser menos sensível às variações do ambiente doméstico nessa faixa etária, o que explicaria as descobertas.

Outra possível explicação está no modo como o smartphone interfere nas interações familiares. O uso do aparelho costuma ocorrer de maneira intermitente, desviando a atenção do adulto. Assim, mesmo quando o pai ou a mãe não está deliberadamente ignorando a criança, notificações, mensagens e outras atividades no telefone podem interromper conversas e diminuir oportunidades de interação.

Famílias

A pediatra Anna Dominguez Bohn, presidente do Núcleo de Estudo da Criança com Deficiência da Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP) e membro da

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), destaca que, na educação infantil, a orientação é evitar as telas. Ela ressalta a importância da família não apenas no controle do tempo de uso, mas no conteúdo. “Precisamos instrumentalizar as famílias. É importante oferecer outras formas de interação, fora das telas, e saber identificar sinais de alerta quando algo não vai bem”, afirma.

Os pesquisadores de Oslo ressaltam que o aspecto do conteúdo não foi avaliado no estudo, mas concordam que, em vez de compartilhar telas com os filhos, os responsáveis poderiam dedicar o tempo em família a outras experiências. “Um maior uso geral do smartphone pode representar menos oportunidades para conversas, leitura compartilhada, brincadeiras e histórias — experiências que oferecem à criança contato com novas palavras e diferentes formas de expressão”, escreveram.

O estudo publicado na *Jama Pediatrics* cita pesquisas

anteriores que apontam na mesma direção. Uma delas, de pesquisadores da Universidade de Wollongong (UOW), na Austrália, mostrou que o uso do celular pode interromper a interação entre pais e filhos; outra, da Universidade do Texas, em Austin, identificou que mães falavam menos com bebês quando usavam o telefone. Também há evidências de que leitura compartilhada e maior quantidade e qualidade da linguagem oferecida pelos adultos responsáveis estão relacionadas ao desenvolvimento linguístico infantil.

Para a terapeuta Tatiana Pachter Nazato, de Santa Catarina, na discussão sobre crianças e uso de telas, é importante que os adultos autorregulem o uso dos smartphones. “Silenciar perfis que provocam comparação, limitar horários de uso, evitar redes antes de dormir e substituir parte do tempo on-line por convivência presencial são medidas simples, mas relevantes”, diz.

ARQUEOLOGIA

Transformações na "cidade dos mortos"

A Necrópole Tebana, em Luxor, no Egito, é composta por mais de 400 sepulturas construídas no local desde a 25ª Dinastia (754-656 a.C.) até o fim do período ptolomaico (305-30 a.C.). Para entender como esse espaço funerário foi usado e reutilizado durante tanto tempo, pesquisadores da Universidade de La Laguna, na Espanha, fizeram uma reconstrução minuciosa da câmara três do túmulo TT 209, estudando a deposição dos corpos e a transformação da cidade dos mortos ao longo dos séculos.

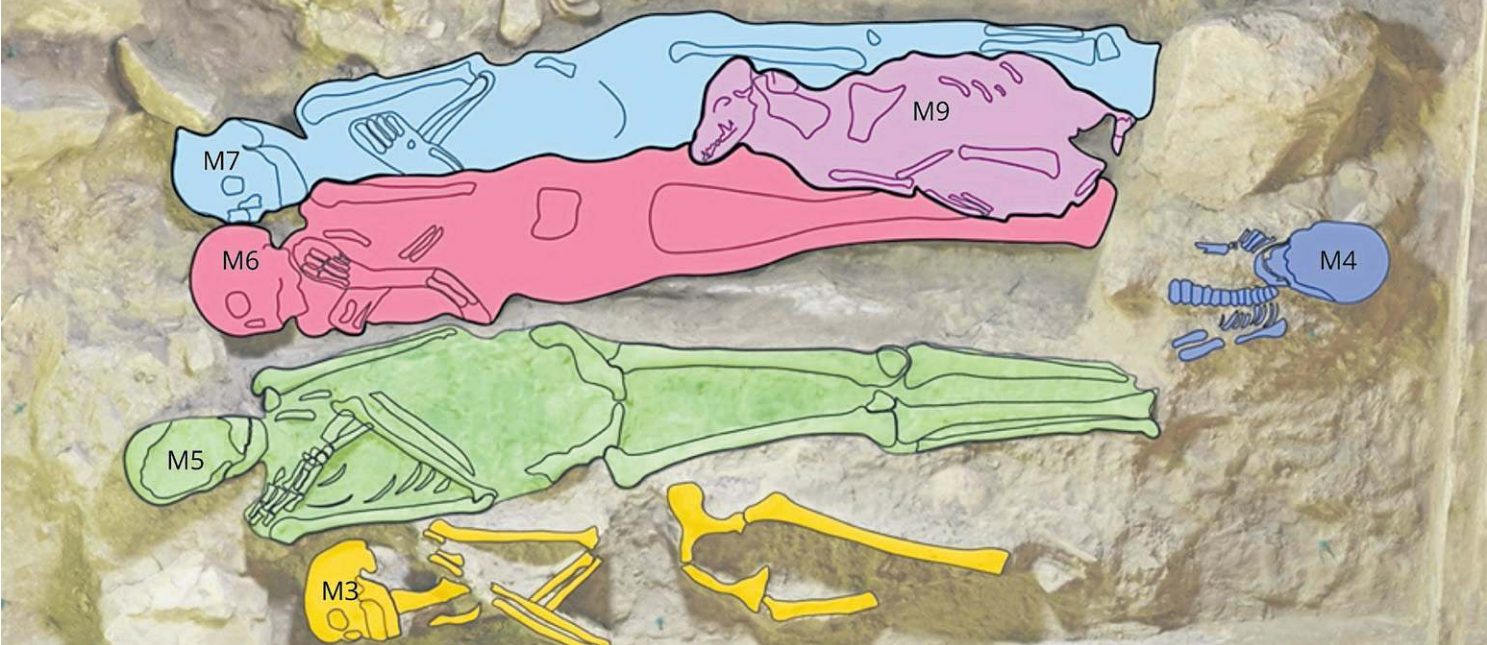
A equipe escavou a câmara, fotografou as múmias e elaborou esboços e descrições de sua posição, orientação e relação com as estruturas da tumba. O complexo estudado contém nove depósitos funerários, incluindo sepultamentos individuais e coletivos, bem como objetos funerários associados. O estudo foi publicado na revista *Frontiers in Environmental Archaeology*.

“Encontramos um total de 16 indivíduos humanos mumificados, um cão mumificado e um depósito perturbado contendo os restos mortais de pelo menos quatro”, disse o primeiro autor, Jared Carballo-Pérez. “O estudo detalhado dos corpos não indica nem acúmulo caótico, nem perda do ritual original ao longo do tempo. Em vez disso, havia uma lógica espacial na qual cada nova deposição era adaptada à presença de corpos anteriores — uma espécie de memória funerária nos processos de reutilização.”

Densidade

Nos depósitos mais antigos, a equipe observou sepultamentos relativamente separados, onde os corpos foram colocados em caixões. Os primeiros indivíduos parecem ter sido de alta posição social e foram enterrados com amuletos e objetos preciosos. Mais tarde,

J. Carballo-Pérez/Divulgação



Detalhe da sobreposição e das relações espaciais entre os indivíduos enterrados na tumba TT 209, incluindo um cachorro

no fim da 25ª dinastia e durante o período persa (por volta de 680-404 a.C.), os restos mortais começaram a ser inseridos em qualquer espaço ainda disponível. Isso resultou em um uso mais denso do espaço.

Em alguns casos, foi possível observar uma mudança no

posicionamento dos membros, por exemplo, um braço dobrado, enquanto em sepultamentos anteriores os braços eram tipicamente estendidos. Na seção sudeste da câmara, quatro múmias e um cão mumificado estão enterrados uns sobre os outros, datando do período

ptolomaico. “Um detalhe que considero bastante belo é a presença de um cão mumificado colocado diretamente sobre as múmias de um homem e uma mulher”, disse Carballo-Pérez. “Isso pode indicar uma relação próxima entre esses indivíduos humanos e o animal.”

Segundo os autores do estudo, a investigação sobre o depósito de túmulos ajuda a avançar em um dos aspectos mais fascinantes do antigo Egito. “Isso nos ajuda a desenvolver uma melhor compreensão dos comportamentos sociais por trás das práticas funerárias”, afirma Carballo-Pérez.